

Uniflu avança para as finais regionais do quinto prêmio anual Hult

Foto Divulgação

Escolas de primeira linha se enfrentam de igual para igual na maior competição estudantil do mundo, disputando US\$ 1 milhão em fundo de “startup” para solucionar desafio na área de saúde lançado pelo Presidente Clinton



José Mathias Filho, Ingrid Oliveira (capitã), Júlia Piredda Fernandes e Luís Filipe Alves Barbosa.

A Fundação Prêmio Hult anunciou recentemente que o Centro Universitário Fluminense (UNIFLU) avançou para as finais regionais do quinto prêmio anual Hult. O Prêmio Hult é a maior competição estudantil do mundo e uma plataforma de “startups” para o bem social. Em parceria com o presidente Bill Clinton e a Clinton Global Initiative, a inovadora plataforma de crowdsourcing (colaboração em massa) identifica e lança empreendimentos sociais revolucionários que almejam resolver os desafios mais urgentes do planeta. As equipes de estudantes competem em seis cidades ao redor do mundo por uma chance de garantir US\$ 1 milhão em financiamento para lançar um empreendimento social sustentável.

Os membros da equipe são do UNIFLU - CAMPUS I - DIREITO DE CAMPOS. A equipe é composta por Ingrid Oliveira (capitã), Luís Filipe Alves Barbosa, José Mathias Filho e Júlia Piredda Fernandes.

O Prêmio Hult 2014 incidirá sobre os 250 milhões de moradores de favelas em todo o mundo que sofrem de doenças crônicas e que precisam de ajuda: um desafio

selecionado pessoalmente pelo Presidente Bill Clinton. Ahmad Ashkar, CEO e fundador do Prêmio Hult, atribui o sucesso da competição à mudança na economia global à recusa da geração do milênio em viver em um mundo com desigualdade, “Estamos oferecendo aos empresários de todo o mundo uma plataforma para inovar e revolucionar a forma como pensamos sobre o atendimento dos necessitados”.

Cada equipe selecionada foi escolhida entre mais de 10.000 candidaturas recebidas a partir de mais de 350 faculdades e universidades em mais de 150 países. As competições regionais do Prêmio Hult acontecerão, em Boston, São Francisco, Londres, Dubai, Xangai e São Paulo. O UNIFLU competirá

em São Paulo.

Depois das finais regionais, uma equipe vencedora de cada cidade-sede entrará em uma incubadora de empresas de verão, onde os participantes receberão orientação, assessoria e planejamento estratégico enquanto criam protótipos e iniciam o lançamento de seu novo negócio social. A fase final da competição será organizada pela Clinton Global Initiative em sua reunião anual em setembro, onde delegados da CGI irão selecionar uma equipe vencedora, que será agraciada com o Prêmio US\$ 1.000.000 pelo próprio presidente Bill Clinton. O Presidente disse: “O Prêmio Hult é um exemplo maravilhoso da cooperação criativa necessária para construir um mundo com

oportunidade compartilhada, responsabilidade compartilhada e de prosperidade compartilhada, e a cada ano eu fico ansioso para ver as muitas ideias excelentes que a competição produz.”

Sobre o Prêmio Hult

O Prêmio Hult é um acelerador de start-up para o empreendedorismo social, que reúne os mais brilhantes estudantes universitários de todo o mundo para resolver as questões mais prementes do mundo. A iniciativa anual é a maior competição estudantil do mundo e uma plataforma de crowd-sourcing para o bem social. O Prêmio Hult foi financiado pela família Hult desde a sua criação em 2009. Para saber mais, visite www.hultprize.org.

Considerações sobre a racionalidade na eutanásia ou suicídio assistido

Prima facie, devemos compreender que “a eutanásia é uma espécie de suicídio que, para ser levado a cabo, necessita da ajuda de outra pessoa. [...] a eutanásia é muitas vezes praticada como uma forma do que ficou conhecido como suicídio assistido”¹.

“Eutanásia (do grego *ευθανασία* - *eu* “bom”, *θάνατος* “morte”) é a prática pela qual se abrevia a vida de um enfermo incurável de maneira controlada e assistida por um especialista”².

No que diz respeito à esfera da racionalidade, Brian Stoffell já se manifestou, afirmando que “The place of suicide in a rational life plan drew attention from classical antiquity’s major thinkers and philosophical schools”³.

O caminho traçado por intelectuais de diversas vertentes, tanto teólogos como pensadores ateístas, agnósticos e até mesmo jus-filósofos, foi sempre galgado no que há de mais relevante para o ser humano, que é o pensamento sobre se vale a pena viver ou

mesmo continuar vivendo em certas condições (de miséria, tristeza, solidão ou mesmo desonra).

Já no século I, e mesmo no século V, pensadores já tratavam com negatividade a questão do suicídio: “Since Josephus in the first century and Augustine in the fifth, the treatment of suicide has been largely negative. Both writers drew on much older traditions of folklore and philosophy in exhibiting an attitude of abhorrence”⁴.

A ciência moderna há muito tempo já entende pacificamente que só o ser humano é capaz de refletir sobre sua própria existência e tomar a decisão de prolongá-la ou de pôr um ponto final⁵, mas será que sempre que tomada a decisão de dar cabo à própria vida há racionalidade no ato suicida?

Os desvios atávicos da conduta do homem ao longo da história sempre se depararam com a questão do suicídio, de maneira que diversas civilizações, desde as mais antigas, sempre estiveram envolvidas com



Evandro Monteiro de Barros Junior
Advogado, conciliador e mediador de conflitos
<http://agoravirtual21.blogspot.com.br/>

este mórbido tema. A psiquiatria tradicional pondera que: [...] el suicida sufre de una enfermedad mental cuyo síntoma es el deseo de quitarse la vida. Puesto que este deseo es patológico, se debe proporcionar algún

tipo de tratamiento para la enfermedad que lo aqueja⁶.

No Brasil, o tema parece causar considerável receio aos profissionais de saúde, que não costumam se manifestar a respeito do tema, omitindo suas

EDITORIAL

Diretora: Elizabeth Maria G. de Souza Oliveira
Vice-Diretora: Maria Beatriz Bogado
Jornalista responsável: Fernando da Silveira
Editor e organizador: Rafael Pacheco Ferreira C. Borges
Edição eletrônica / Fotografia / Design gráfico: Gilberto Ribeiro Viana
Revisão: Christiano Abelardo Fagundes Freitas

IMPORTANTE
Todo material impresso neste jornal é de inteira responsabilidade de seus autores, não representando obrigatoriamente a opinião deste jornal ou do Campus I - UNIFLU.

Deseja publicar o seu artigo no Opinio Juris? Envie para: opiniojuris@live.com
Os artigos serão revisados e selecionados pela edição do jornal. Não nos responsabilizamos em publicar todo o material enviado.

Editado pelo Centro de Artes Campus I Direito de Campos
Rua Ten. Cel. Cardoso, 349 - Centro
Campos dos Goytacazes - RJ CEP 28010-801
Contatos: (22)9876-6241 (22)2101-3355
email: opiniojuris@live.com
site: www.uniflu.edu.br

opiniões: “Não é raro encontrar no Brasil médicos que declaram nunca ter recebido pedidos para realização de eutanásia, mas 22 pesquisas realizadas em diferentes países revelaram que cerca de 40% dos médicos receberam pedidos semelhantes e cerca de um quarto dos profissionais interrogados reconheceram ter praticado a eutanásia”⁷.

¹Esteves, Julio. Eutanásia e suicídio: Reflexões introdutórias (UENF/CNPq). P. 10.

²<http://pt.wikipedia.org/wiki/Eutan%C3%A1sia>

³Stoffell, Brian. Voluntary euthanasia, suicide and physician-assisted suicide. P.272. A Companion to Bioethics, Second Edition. Published Online: 15 JAN 2010.

⁴Ibibem.

⁵Cohen, Agrest Diana. Por mano propia. Estudio sobre las prácticas suicidas. 1º ed. – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007. P. 18. Tradução minha.

⁶Cohen, Agrest Diana. Por mano propia. Estudio sobre las prácticas suicidas. 1º ed. – Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007. P. 242.

⁷Hottois G, Parizeau MH. Les mots de la bioéthique. Bruxelas: 1. De Boeck Université, 1993.

Em outros países de tradição ocidental, vige na cultura da ética médica o que fora pregado por Hipócrates: “A tradição deontológica, com efeito, é claramente oposta à eutanásia, desde Hipócrates; sua condenação percorre os códigos médicos de vários países: Brasil (o artigo 66 veda “utilizar, em qualquer caso, meios destinados a abreviar a vida do paciente, ainda que a pedido deste ou de seu responsável legal”); na Bélgica (art. 95 do Código da Ordem dos Médicos); nos Estados Unidos (American Medical Association); na Grã-Bretanha (British Medical Association). Esta também é a posição assumida pela Associação Médica Mundial. O Guia Europeu de Ética Médica (1987, art. 13) é menos explícito,

e um relatório do Institute of Medical Ethics Working Party é favorável à admissão de eventual ajuda à morte de um “doente terminal”, por parte do médico”⁸.

O debate interno do ser humano sobre os dilemas que se referem à vida e à morte são algo constante em nossas vidas. Quem nunca pensou sobre a própria vida e a morte?

Em artigo nuper-publicado na revista Psicanálise, encontramos um caso que pode ser um passo cardinal para a ciência: “O canadense Scott Routley entrou em coma após um acidente de automóvel e permanece em estado vegetativo há 12 anos. Assim, ele se tornou incomunicável devido aos danos em seu cérebro. Uma equipe de médicos recentemente conseguiu quebrar esta falta de comunicação com o paciente. Usando uma máquina de ressonância magnética, eles monitoraram seu cérebro. Depois de perguntar a Routley se estava com dor, observaram uma reação em seus neurônios, que foi traduzida como um “não”.

“O neurocientista do Reino Unido Adrian Owen conta que Scott tem demonstrado que tem uma mente consciente, pensante. “Nós o escaneamos diversas vezes e seus padrões de atividade cerebral mostram que ele está claramente escolhendo responder nossas questões. Nós acreditamos que ele sabe quem é e onde está”.

“O sucesso desse procedimento coloca em dúvida a ideia de que pacientes em estado vegetativo perdem totalmente o “contato” com o mundo. “eu fiquei impressionado e maravilhado porque ele foi capaz de mostrar essas respostas cognitivas”, diz o neurologista Bryan Young, que acompanha Routley há

uma década”.

Experimentos similares foram feitos com outros pacientes, mas poucos conseguem se comunicar como Scott”⁹.

Neste caso, nos parece que o paciente estava em pleno gozo de suas faculdades mentais, sendo cristalino que seu estado físico em nada influencia suas vontades.

O que nos preocupa é se teremos a vontade de morrer ou de viver de pacientes em situação idêntica respeitada¹⁰.

⁸Lepargneur, Hubert. Bioética da eutanásia. Argumentos éticos em torno da eutanásia. Revista Bioética, Vol. 7, Nº 1.

⁹Atividade física na terceira idade pode prevenir encolhimento do cérebro. P. 5. Psicanálise. Nº 15, abril de 2013. Mythos Editora.

¹⁰Somente por amor ao debate: No futuro próximo, será que haverá leis que regulem essa manifestação de vontade oriunda do cérebro, mas que não seria externada de maneira falada

Entendemos que se sucede o suicídio racional em algumas situações peculiares como, por exemplo, o caso de um soldado, que, ferido na guerra, percebe que seus inimigos estão perfurando seus compatriotas com baionetas para garantir as baixas. Esse soldado ferido, tendo certeza de que irá morrer golpeado pela baioneta de um inimigo, saca sua pistola e comete suicídio. Ele racionalmente realizou o ato.

Com o intuito de falarmos de um exemplo concreto, vislumbramos a fortiori, o suicídio de Ramon Sampedro (1943 – 1998), um marinheiro e escritor espanhol, tetraplégico desde os 25 anos, que lutou na justiça pelo seu direito de morrer dignamente, segundo ele. Tendo em vista sua incapacidade física de suicidar-se,

Ramon desejava que seus amigos e familiares pudessem o ajudar a morrer sem que cometessem algum delito.

O caso de Sampedro é o típico caso de suicídio racional, visto que o suicida estava, até o momento do ato, em pleno gozo de suas faculdades mentais.

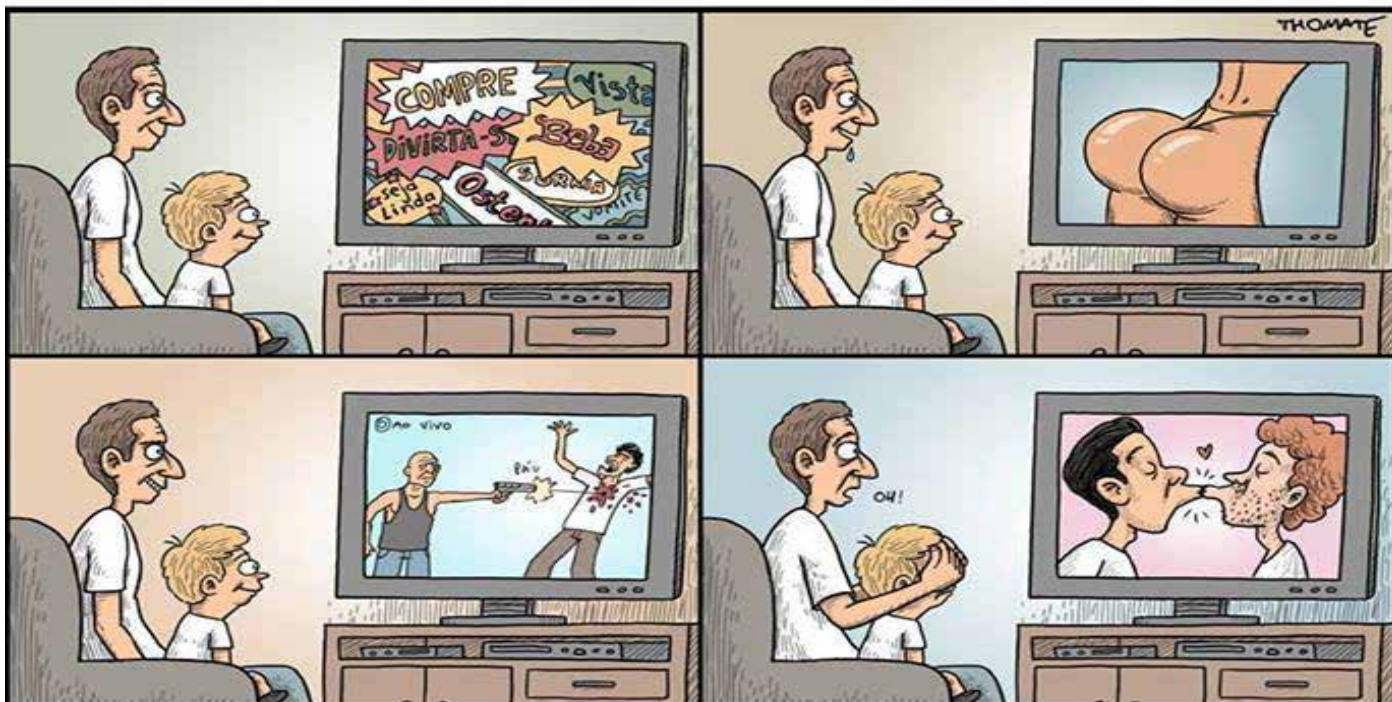
Considerando os restritos casos abordados nesse texto, é lícito afirmar que a análise de cada caso concreto deve ser feita de maneira meticulosa, sendo que seria praticamente impossível criarmos uma regra geral que fosse aplicada a todos os casos que surgissem sobre o tema suicídio e eutanásia assistida.

Nos casos em que não há patologia confirmada, há pelo menos uma situação difícil na qual o suicida se encontra, seja ela física, como, por exemplo, a dor ou mesmo moral, como a vergonha ou a honra.

Há casos de cometimento racional do suicídio e há também casos em que o sujeito se encontra doente, e por isso nos casos de patologia não há racionalidade no ato de dar cabo à própria vida.

A questão da racionalidade, quando se trata do ato suicida, na maioria dos casos, está intrinsecamente ligada à personalidade do sujeito, sua condição emocional ou física ou até mesmo moral.

Concluimos que a moralidade estará frequentemente em pauta nessas decisões, visto que todo ser humano é produto de uma criação cultural, não havendo até hoje evidência de que sequer um de nós seja isento completamente da questão da moralidade.

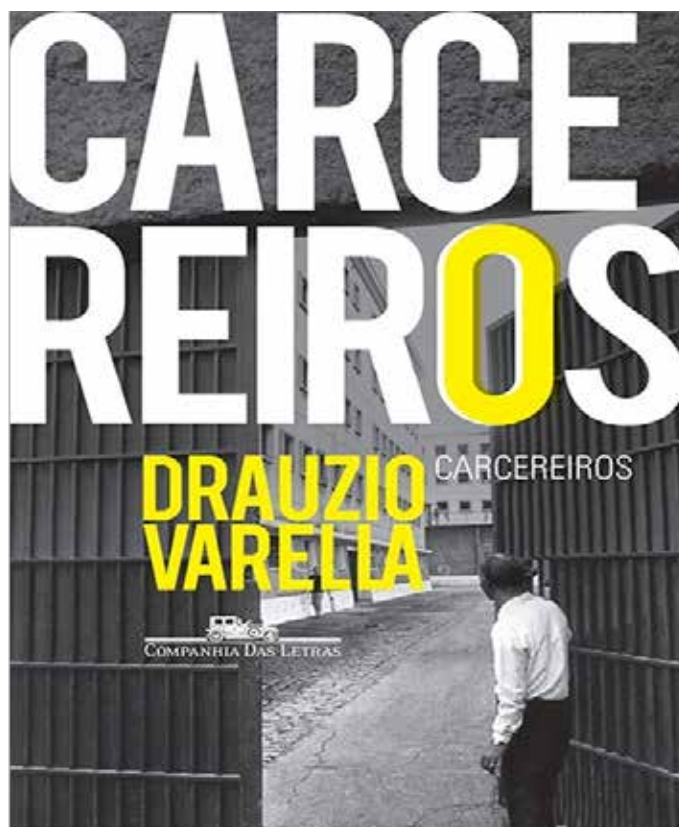


Três anos depois do lançamento de Estação Carandiru, o Dr. Drauzio Varella retornou ao universo dos presídios e às prateleiras das livrarias com sua nova obra, Carcereiros, da editora Companhia das Letras. O livro é a segunda narrativa da trilogia Estação Carandiru.

Se em Estação Carandiru Drauzio narrou o cotidiano dentro do presídio pelas histórias que ouvia dos detentos e pelo que vivenciou, em Carcereiros

ele relata episódios do dia a dia de quem era encarregado de manter a ordem dentro da maior e uma das mais violentas penitenciárias da América do Sul.

Durante os anos em que trabalhou na Casa de Detenção, Drauzio criou laços de amizade com os funcionários, com quem se reunia depois do trabalho em um botequim em frente ao Carandiru. Entre uma cerveja e outra, inúmeras histórias foram compartilhadas e, agora, estão reunidas na narrativa.



Pos-graduação Stricto Sensu

Está previsto para abril/2014 o Edital de abertura de inscrições para o Mestrado em Direito e Políticas Públicas. Mais informações, contato: Diana tel. (22) 2101-3355

O MOMENTO É ESTE FAÇA A DIFERENÇA!

CURSO INGLÊS

MATRÍCULAS ABERTAS

DEPENDE DE VOCÊ E DE OUTROS INTERESSADOS A FORMAÇÃO DE NOVAS TURMAS

TEL. (22) 2101-3355
labilingua@fdcc@yahoo.com.br